

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Abril de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 22

A CAMARA da nossa terra

tem novo Presidente

Não pudemos assistir no passado dia 21 à posse do novo Presidente da Câmara de Melgaço, Dr. Carlos Luís da Rocha. A distância e as ocupações multivaram a minha ausência forçada em um acto solene e, também, histórico da nossa terra. Bons amigos e velhos conhecidos, desde os tempos académicos, não queria faltar. Como teve de acontecer o desagradável, não quero, e não posso, deixar passar este momento sem lhe dirigir as saudações de «A Voz de Melgaço».

Não vou rebuscar nos affarrábios, como o fez o nosso distinto colaborador Mário, o foral de D. Afonso Henriques que em 21 de Julho de 1181 ordenava «que o Alcaide-mor seja um morador da terra». Regozijo-me por se haver encontrado, intra muros, alguém que pode responder por todos nós, ao insulto que se nos pudesse fazer: «em Melgaço não há homens». Há-os e de verdade.

Ora, neste artigo, como compete a jornal da terra, não faço história do passado, vivo o momento presente. E, vivendo-o, eu quero, em nome pessoal e em nome do jornal, fora da política partidária e fa-ciorista, mas em nome da política que professa a verdade e a justiça seja contra quem for, saudar o novo Presidente do nosso Município e desejar-lhe, para bem da terra, as maiores felicidades.

«A Voz de Melgaço», que à Câmara anterior nada deve, nem esta ao jornal, pois nada lhe pediu, tem fé nos destinos do Município que está em mãos firmes, porque novas, honradas trabalhadoras e filhas desta terra. O nosso jornal — batalhador incansável dos interesses legítimos das populações, — dentro do seu programa que é católico e regionalista, não deixará de prestar a sua colaboração àqueles que só têm um lema nestes cargos: servir.

O Dr. Carlos Luís da Rocha é por educação, por temperamento e por espírito, uma alma dinâmica a qual pôs toda a sua energia ao serviço das grandes causas.

A causa da nossa terra é, para nós, grande e sublime. Por ela nos bateremos, todos, pondo-nos ao lado do nosso Presidente, que escolheu para Vice-Presidente o prof. Manuel Pinho, também Melgacense, sem egoísmos, sem ambições e, antes, com sacrifício.

Desta maneira o novo Presidente, porque é merecedor da nossa estima, respeito e admiração, poderá realizar aquela obra de que a nossa terra carece.

JÚLIO VAZ

Notas e reportagem

Pode dizer-se que todo o concelho de Melgaço se encontrava representado, e largamente, neste acto de grande transcendência regional.

Entre outras pessoas, pudemos ver os Srs. Governador Civil do Distrito, que se fez acompanhar de várias individualidades em destaque no meio de Viana, elementos da U. N. e outros.

A União Nacional Con-celhia na sua totalidade, muitos sacerdotes, todo o ilustre professorado, Comércio, Legião, Guarda-fiscal, e os seus dignos

(Continua na 4.ª página)

Do alto do Pernidelo

Meu caro Malaquias:

Muito estimo que tudo te corra às mil maravilhas, que por cá a viola, embora algo desafinada, vai tocando.

Pois é verdade. Há já mais de três meses que eu ia a caminho do meu observatório do Pernidelo quando o carteiro me entregou a tua estimada carta, à qual só hoje me é possível responder.

Deves, por certo, estar algo desapontado com o meu prolongado silêncio, e com razão.

Desculpa, Mas... as franquias?!

A propósito de franquias devo dizer-te que desde que entraram em vigor as novas taxas, tenho economizado muito dinheirinho. Admiras-te.

Não tens mesmo nada que te admirar. A razão é muito simples e explico-me.

Dantes escrevia, em média, 15 cartas por mês, com as quais gastava nada menos de 7\$50 em franquias; agora passei a escrever somente três, isto é, apenas o *trivial*, cuja despesa me fica por menos de metade do que gastava dantes. Eis em poucas palavras, meu caro Malaquias, o modo como tenho feito economias e, por conseguinte, também a razão porque só hoje te escrevo.

Isto agora tem que ir à vez, como no moinho...

Porém, ponhamos de parte estas pequenas grandes coisas que pouco inte-

Pedimos desculpa

Retardamos para o próximo número, em razão das circunstâncias, que já cilmente se depreendem, dois artigos dos nossos presados colaboradores: Dr. Abel Varela Seixas e Alberto Pereira. Que nos desculpem.

Carta aberta

ressam e respondamos à tua estimada missiva.

Realmente nens tu uma boa carrada de rasão, se não mais.

De facto ainda nada te mandei dizer sobre o estado de conservação em que se encontram as Igrejas da nossa querida terra, dando, assim, a entender que estas coisas não me interessam. Desculpa, não tem sido por mal. Sobre-

tudo, não vás julgar que (Continua na 3.ª página)

eu tenha perdido a crença dos nossos maiores. Não. O diabo seja surdo, cego e mudo, que eu nasci cristão, continuo cristão e assim quero morrer.

Pois, com respeito às nossas Igrejas, graças ao carinho do nosso povo, e sobretudo ao muito zelo e dedicação do clero conce-lhio, de modo geral, é satisfatório o seu estado.

Sempre a lavoura!

Nas primeiras linhas!

Já há muito que tivemos de abandonar, contra a nossa vontade, esta tribuna que o nosso jornal mantém em defesa da lavoura.

Filhos de lavradores, quase todos os que aqui trabalhamos, vivendo dela e para ela, os seus problemas são nossos.

E nunca os deixaremos. Voltamos hoje e desta vez para continuar.

No Parlamento de França realizaram-se, há dias, três sessões dedicadas à crise agrária.

Lá como aqui, como afinal em quase todos os países da Europa — há uma grave crise agrária.

Sente-a em cheio a França e o Parlamento francês ia dedicar-lhe alguns dias de atenção.

Pois querem saber quantos deputados se encontravam numa das sessões? — 40. Quarenta, dos seiscentos, a quem a França paga para defender os seus direitos!!!

Que tristeza que os problemas da terra não mereçam mais atenção!

Quem estas linhas es-

creve, pôde assistir há alguns anos, em Lisboa, ao discurso que o saudoso Dr. Rocha Páris proferiu em hora grave para a nossa classe agrícola.

Confessamo-lo sinceramente: — foi espectáculo que nunca nos esquece.

Poucos lhe ligaram interesse. Poucos o apoiaram e uma boa parte dos seus pares não ligou importância alguma.

Nós voltamos a perguntar: — Porque todo o interesse para o operário e tanta indiferença para a Lavoura?

SUICIDOU-SE

A «Gazette Agrícola» de 5 de Março conta que um pobre e infeliz vinha-teiro de França se acabava de suicidar, por não poder pagar mais impostos ao Estado.

Não é a primeira vez que na imprensa daque país aparecem casos destes, assim graves, e terríveis.

Também entendamos que nós aqui devemos ter todo o cuidado e carinho com o lavrador.

(Continua na 3.ª página)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Pela Vila e Concelho

Procuraram-nos alguns moradores ali de Prado, respectivamente do lugar da Serra e Rua Direita, os quais, com palavras capazes de impressionar calhaus, se nos lamentaram dizendo que sendo eles tão bons portugueses e pessoas tementes a Deus não se compreende o motivo porque ainda não tenham sido contemplados com um modesto fontenário na sede da freguesia.

Ora, nós ouvimos, ouvimos e no final respondemos-lhes:

Realmente, vós tendes uma boa carrada de razão, senão mais; mas que quereis que vos façamos?

— Nada — responderam. Queríamos apenas que «botasse» lá no jornal isto que acabamos de dizer.

Como achamos a petição justíssima, e porque dar de beber a quem tem sede é uma obra de misericórdia, aqui fica o pedido. Ficando nós também com a convicção plena e segura de que o sr. Presidente da nossa Municipalidade saberá dar resolução satisfatória a tão justa e legítima aspiração.

Assim o esperamos.

— Embora pouco violento, sentiu-se neste concelho, pelas 20 horas do passado dia 10, um tremor de terra. Repetiu-se pelas 3 e 20 minutos da madrugada do dia seguinte. Este último sismo, devido ao adiantado da hora, foi sentido por muito poucas pessoas.

Ambos, felizmente, não tiveram quaisquer consequências alarmantes.

— No pretérito dia 14, foi deste concelho aos Arcos de Valdevez uma numerosa comissão de melgacenses a fim de prestar homenagem ao sr. João Afonso, que entre nós exerceu o cargo de escrivão de Direito, e que recentemente, e a seu pedido, foi transferido para aquela comarca.

Entre os vários membros da referida comissão, fixamos os nomes dos srs. Alvim Dr. Armando Cid, Júlio da Costa e Sá e P.e Firmino Gonçalves.

— Também no mesmo dia seguiu para Lisboa, a fim de dar entrada

no Hospital de Palhavã (Instituto do Cancro), a sra. Beatriz Mendes Pinto, da vizinha freguesia de Prado.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

— Esteve bastante movimentado o mercado semanal do dia 19.

Pelos principais géneros expostos pedia-m o seguinte:

Milho, alqueire (30 litros) 67\$00; centeio, idem, 84\$00; Feijão branco, 1/2 quarto (5 litros) 16\$00; feijão mistura, idem 15\$; feijão frade, idem 10\$00; batatas para semente, qui-lo 4\$00; idem para consumo 2\$50; galinhas 20\$00; frangos 10 a 15\$00; ovos, dúzia 9\$00; nozes cento 10\$00; laranjas, dúzia 4\$00. Não houve peixe.

Confrontando os preços supra com os do mercado de 19 do mês findo, constatamos, com grande má-gua, que alguns produtos sofreram um *salinho* de 25 oje aproximadamente.

E vai para quatro anos que a guerra acabou...

— Já chegaram as andorinhas e as arvores vestem as suas melhores galas. Não admira; pois já o ano transacta por este tempo acontecera precisamente a mesma coisa.

— Após umas chuvadas que caíram nos primeiros dias do mês voltou a estiagem. O tempo assim não agrada.

— Continua vago o lugar de Chefe de Secção de Processos Judiciais no Tribunal desta comarca.

— Na sua residência, sita no lugar do Outeirão, Prado, faleceu de parto em 20 do corrente, a sr.a D. Angelina Perpectua Lopes, que contava 32 anos de idade.

Deixa viuvo o nosso querido amigo sr. Manuel Gonçalves, guarda-rios, e tres filhinhos de tenra idade na orfanidade.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento, tendo-se nele incorporado quase toda a freguesia, pois a saudosa extinta gosava de gerais simpatias.

A toda a família enlutada, em especial aquele nosso amigo, enviamos o

nosso cartão de sentidos pêsames.

— Também no lugar dos Bouços da referida freguesia de Prado, faleceu, no dia 23, a sr.a Marcelina Rosa da Cunha, mãe do sr. João Gomes Calheiros, proprietário daquela freguesia, e avó do sr. José Pinheiro Calheiros, funcionário do Tribunal desta comarca, aos quais, bem como à restante família enlutada, enviamos sentidas condolências.

— Aos interessados lembramos que em Abril paga-se a 2.ª prestação das contribuições predial, industrial dos grupos A, B, C, e profissões liberais quando em Março se requereu o pagamento em quatro prestações.

Também lembramos que continua ótima a ocasião, especialmente no crescente da lua (dia 6), para se semear: abóboras, alfaces, cenouras, couves diversas, incluindo repolhos, couve-flor e brocolhos, ervilhas, feijões, linho, melões, pepinos, pimentos, tomates, salsa etc. Continua a plantação da batata e nas terras de sequeiro iniciam-se as sementeiras de milho.

Vão aprontando os pulverizadores, e munindo-se com o competente D.D.T. porque, sem querermos ser profeta, algo nos diz, que este ano o «escarave-lo» do Colorado vai ser um *pesadelo* para os nossos batatais.

Não se esqueça de adiantar o seu relógio de 60 minutos na noite de 2 para 3 de Abril.

Em Abril queimou a velha o carril, e uma camba que guardou ainda em Maio queimou...

Rouças, 22

Tem estado um pouco incomodado de saúde a mãe do nosso Amigo Sr. José de Oliveira Salgado, que felizmente já vai um pouco melhor.

— Anuncia-se para breve o casamento da filha mais velha do Sr. Vaz, de Lovió e irmã do Professor Manuel Vaz, que vai residir para Cubalhão.

— Também está para breve o casamento do nosso bom amigo, sr. Anibal Gonçalves Meleiro, de Lovió, sobrinho do sr. Abade de Prado e com Rosa de Freitas, das Cavenças, em S. Paio.

— É esperado por estes dias nesta freguesia o técnico que de Lisboa vem montar a aparelhagem do relógio da torre. A sua inauguração é no dia 10 de Abril.

— Pelo sr. António Loureiro de Surribas foram, há dias, entregues ao nosso rev. pároco 1.000\$00, para as obras de Santa Rita.

Também o benquista comerciante na praça de Melgaço, sr. Guilhermino da Silva Teixeira entregou 100\$00 com o mesmo fim.

— Lá para os lados do Telheiro tem sido uma revolução por aquelas terras, quero dizer tem-se feito muitas novas latadas.

— Foi muito sentida, nesta freguesia, a morte da esposa do nosso amigo e conterrâneo, Manuel Gonçalves, da Igreja, há dias ocorrido em Prado, que deixa na orfanidade três filhinhos. Daqui enviamos ao nosso querido amigo um cartão de sentidas condolências.

— No dia 19 foi baptizado um filhinho do Guardador florestal e nosso estimado assinante, sr. Manuel Luiz Domingos de Cavaleiros, a quem foi posto o nome de José.

— Desta freguesia, foram ao retiro de Eiró 4 filiadas da Juventude. Foi aquele retiro dirigido pelo sr. P. José Maria de Sousa, de Braga.

Assine a «A Voz de Melgaço»

Aos proprietários de Pinhal

Os Industriais de Produtos Resinosos, abaixo assinados, vêm dar conhecimento de que só autorizam o aluguer de pinhal a explorar na campanha de 1949, nos concelhos do distrito de Viana do Castelo, ao preço de Esc. 2\$00 por incisão, ao qual limitam a sua responsabilidade, sendo alheos a ofertas ou promessas de quaisquer outros.

Aos 16 de Março de 1949.

Companhia Industrial Resineira
Companhia de Produtos Resinosos
União Resineira Portuguesa

Grandes notícias da quireza

(Continuação da 3.ª pdg.)

Em São Martinho de Alvaredo, estão a realizar-se novos e luzidos cortejos, para acabamento da residência e compra de mais terreno para o passal.

A' hora a que fazemos esta comunicação, estão já realizados dois, rendendo o primeiro, cerca de 2.300\$00 e o segundo 4.100\$00, seguindo-se os restantes nos próximos domingos até o último que deve ter lugar no domingo de Pascoela.

Na freguesia de Rouças vai inaugurar-se o novo relógio da torre, cerimónia esta que tem lugar no domingo de Ramos.

São gastos ali 20.000\$00 e espera-se em breve um técnico de Lisboa, para a montagem do material.

Depois deste melhoramento, a freguesia vai erguer em Santa Rita uma igreja, cuja despesa total vai para cerca de 200.000\$00.

Esta notícia é bem recebida por todos os melgacenses, pois é notória a sua devoção por Santa Rita.

E a estrada para ali? — Isso é que era, mas infelizmente é notícia que ainda não podemos dar.

Administração

O Sr. Manuel Loureiro, do Pará, Brasil, enviou-nos 50\$00 para pagamento da sua assinatura do nosso jornal, o que muito agradecemos.

Do alto do Pernidelo As grandes notícias da quinzena

EM MELGAÇO

(Continuação da 1.a pág.)

Assim, por exemplo, a de Rouças está um primor. E isto se deve já ao carinho do bom povo desta freguesia, já ao muito zelo e dedicação do seu pároco, rev. o P. e Carlos Vaz, espirito culto e esclarecido, cheio de vida e fervorosa actividade, que na sua paróquia vem realizando uma verdadeira revolução espiritual.

Fica sabendo que já angariou o competente tempo para a aquisição de um relógio de torre.

Estás a ver, caríssimo Malaquias, o «Zé» de Rouças, como todos nós por cá, às vezes trazia a barriga a dar horas. Agora com a sua torre a fazer-lhe concorrência vai ser o bom e o bonito...

Porém, pena é que as restantes freguesias lhe não sigam o exemplo porque então isto por cá tornar-se-ia um céu aberto...

Na Vila o pároco é um dos novos, homem-franjinho. As primeiras impressões ninguém imagina a energia e actividade que aquele débil corpo encerra. Tem realizado ali grandes obras.

Falar-te-ei apenas da residência paroquial que mãos criminosas incendiaram naquela fria madrugada de 12 de Dezembro de 1935. Graças a ele está hoje completamente reconstruída.

Deixa-me dizer-te que este sacerdote confirma bem o aforismo que diz: «os homens não se medem aos palmos». De facto assim é.

Tens lido que Pepino «le Bref» pai de Carlos Magno, era um «cinco reis» de gente e, contudo na sua corte ninguém o igualava em valentia.

Deverás ter lido também que o próprio Napoleão Bonaparte era de estatura reduzida (4 pés, 10 polegadas e 10 linhas) e é público e sabido ter assombrado o mundo. Por estes simples factos se demonstra que realmente os homens não se devem medir aos palmos.

Em conclusão: as nossas Igrejas, com excepção dos conventos das Carvalhiças e o de Fiães, que estão mesmo a pedir misericórdia, estão todas muito bem conservadas. São o expoente da liberdade de outros tempos. A de Paderne anda em obras.

Quanto à pergunta que me fazes: porque é que nós ainda não temos o Caminho de Ferro em

Melgaço» há de, por certo, desculpar a franqueza, que foi sempre meu timbre e deviza. Devo dizer-te que a tua pergunta é tão ingénua, tão infantil, que até o meu filho que ainda não tem cinco anos, seria capaz de te responder.

Ainda não temos caminho de ferro em Melgaço porque ainda o não fizeram.

Claro que a isto tu me perguntarás novamente:

— E porque é que ainda o não fizeram?

E então eu responder-te-ei:

Ainda o não fizeram, porque, pelos vistos, ainda não apareceu por cá quem se interessasse verdadeiramente pelo assunto.

Ora aí tens...

Com respeito aos melhoramentos que viste anunciados em «A Voz de Melgaço» de 1 de Janeiro do ano findo, parte-se-me o coração por ter de informar-te de que ainda nenhum se realizou.

E isto, não temido por culpa dos cozinheiros cá do burgo, pois, segundo me consta, estes tem já preparada a faca e a ré que há-de ser imolada. Ao que parece, faltam uns condimentos que tem de vir de baixo e, pelos vistos, ainda não vieram.

Bom, creio que foi só isto que me perguntaste, pelo que por hoje não te enfado mais e além disso é preciso que esta não ultrapasse as 20 gramas da praxe...

Vai dando sempre as tuas desejadas notícias ao amigo que está ansioso de abraçar essa ossada.

MÁRIO

P. S. — Participo-te que está novamente em vigor aquela parte do foral que em 21 de Julho de 1181 o Sr. Rei D. Afonso Henriques concedeu a Melgaço e que diz: «... o alcaide-mor seja um morador da terra...»

Pois é verdade. Desta vez o alcaide-mor é um ilustre filho desta terra, o dr. Carlos Luís da Rocha, pessoa competentíssima, do qual muito há a esperar.

M.

Loduvina Martins
Dentista

Consultas em Monção, todas as Sextas e Sábados.

No último domingo de Fevereiro, estive na freguesia de Castro Laboreiro, o Sr. Sub Secretário das Obras Públicas, que visitou a igreja e castelo dizendo que as respectivas obras iriam começar em breve.

Regressará ali brevemente e seguirá depois para a Senhora da Peneda, onde visita o local da construção da represa, indo depois para Tibo, a fim de estudar a nova barragem, a fazer na freguesia da Gavieira.

Segundo informes do mesmo sr. Sub secretário começarão em breve, na mesma freguesia de Castro, obras da grande barragem e também ali se espera brevemente, a convite do Rev. Pároco, o Sr. António Ferro, Director do Secretariado de Propaganda Nacional, para se estudarem as possibilidades de criação duma «pousada», tão necessária naquela terra, á comodidade dos turistas, que agora, mercê da estrada, aumentam consideravelmente.

Também se está a estudar a possibilidade de ligar a Peneda com a Estrada nacional, por Castro Laboreiro.

Ao Sr. Abade de Castro, que vem pugnando incansavelmente pelo progresso da sua terra, os nossos parabens por ir desencantando, tão rapidamente a solução dos seus anholos.

Também num dos passados dias da quinzena, o Sr. Engenheiro Oliveira dos Serviços Florestais, dos Arcos de Valdevez, pôde avistar-se em Pomes, com o povo da freguesia de Parada do Monte e outras terras que juntamente com os srs. Drs. Carlos Rocha e Júlio Esteves vieram expor as razões, que lhes assistiam, no referente á questão da Floresta.

O Sr. Engenheiro Oliveira manifestou o seu maior interesse pelo assunto, que iria estudar com o seu colega, há dias ausente, Sr. Eng. Costa, muito Digno Administrador dos S. F. em Monção.

«A Voz de Melgaço» faz votos por que este enervante assunto da Floresta se resolva com o melhor espirito de compreensão, para socego e tranquilidade dos povos do monte, e confia no espirito de jus-

tiça tantas vezes demonstrado dos srs. Engenheiros dos Serviços.

Também está em bom andamento o problema da estrada de Fiães, interessando-se o Sr. Presidente da Câmara em levar a efeito o grande desejo do Sr. Abade e povo daquela freguesia.

No sábado passado estiveram em Melgaço e avisaram-se com o sr. Dr. Carlos Rocha, os srs. Resano Garcia, proprietário das Minas da Agueira e o Sr. Engenheiro Mário Leitão, que estão a estudar em conjunto a solução da mesma estrada.

Está tudo a encaminhar-se, com a melhor boa vontade, no sentido de,

quanto antes, dar execução a este desejo.

Causaram a melhor impressão em todo o concelho as afirmações do Sr. Presidente da Câmara referentes ao cuidado que vão merecer-lhe desde já e prontamente os problemas mais urgentes das freguesias rurais, não esquecendo os da nossa vila.

Também se espera que muito em breve comecem os trabalhos definitivos para a construção da nova estrada da Bouça dos Homens, na Gavieira, a Santo António de Val de Poldros, o que vem melhorar consideravelmente aquela povoação, sita nos altos do concelho de Monção. E' feita pelos Serviços Florestais.

(Continua na 2.a página)

Sempre a lavoura!

(Continuação da 1.a pág.)

Pagamos por muitas, muitíssimas coisas. E então agora com os zelos da G. N. R., é demais.

E ESTA ?

O jornal «Paris Presse» conta que em certo restaurante da capital francesa averiguou que de 385 francos, pagos para a gerência apenas 60 foram para a lavoura, a grande fornecedora das casas de pasto.

Também aqui temos disso.

Se pedirmos por ex. uma garrafa de vinho verde nas casas de pasto de certas cidades, ficamos escandalizados com as alturas do preço. A Lavoura pouco beneficiou; o grande beneficiado é, sem dúvida, o intermediário.

O problema das carnes af'está insolúvel. Os gados já «feitos» vendem-se proporcionalmente baratos. A carne, vamos comprá-la muito cara. Quando atacarmos de frente este problema da Lavoura?

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO
(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapéus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas —
A máxima seriedade nas suas transacções.

A VOZ DE MELGAÇO EM LISBOA

Comunhão Pascal dos Enfermeiros e enfermeiras dos Hospitais Cívicos de Lisboa — Com a assistência do senhor Enfermeiro Mór dos Hospitais Cívicos de Lisboa, médicos, entre os quais se avultavam o senhor Dr. Luiz Adão, Director da Escola de Enfermagem Artur Ravara, Dr. Braz Nogueira, Alfredo Franco e Amaro, ambos professores daquela colectividade, fiscais, Enfermeiros-Chefes e numerosa assistência pública, realizou-se no passado dia 20 do corrente, na Capela do Hospital de S. José desta cidade, a Comunhão Pascal de numerosos e fiéis enfermeiros dos Hospitais, alguns destes estudantes da Escola de Enfermagem Artur Ravara.

Esta cerimónia teve lugar pelas 9 horas presidida por um Cônego ajudado pelo Senhor Padre Victor, também professor da Moral e Religião da Escola de Enfermagem Artur Ravara.

Foram entoados diversos e variadíssimos hinos religiosos e, terminada a cerimónia, foi servido um pequeno almoço que decorreu com o maior brilho e entusiasmo, sendo tiradas muitas fotografias. Por fim foi lido um brilhantíssimo discurso por uma aluna em nome de todo o pessoal hospitalar e a seguir tomou a palavra o Senhor Padre Victor, bastante elogiado pela assistência, terminando com muitas salvas de palmas.

Gilberto António Cardoso

Uma grave questão

E aquela que está a dar-se com bastantes trabalhadores da estrada de Castro Laboreiro, cujos pagamentos tem sido irregulares.

Alguns tem ainda para receber centenas de escudos. E se atendermos a que muitos tem as suas famílias para sustentar e são pobres, mais delicada se torna a falta.

Não supúnhamos que fosse possível nestes tempos, a que chamamos civilizados, darem-se faltas assim graves. E faremos ardentes votos, por que em breve os nossos trabalhadores vejam o fruto do seu trabalho, como é de justiça.



XXXIX-VILA DE MELGAÇO

O SEU CRUZEIRO PAROQUIAL

No artigo anterior disse eu que tinha apontamentos relativos ao Cruzeiro de S. Julião, que foi da vila e ali deu que falar, apontamentos extraídos de fontes fidedignas.

Para esquadriñar dados históricos que venham a concorrer para a organização de uma monografia, completa quanto possível, da nossa terra em horas vagas, muitas vezes arrancadas ao sono, tenho esfolheado velhos alfarrábios.

Alfarrábios que apodrecem arrumados como inúteis por esquecidos armários contêm muitas particularidades dos tempos passados.

São tantos e tantos: livros de confrarias, livros de testamentos, livros de contas etc. etc.

Entre eles há nos cartórios paroquiais, onde os há, um livro intitulado das *Visitações* ou dos *Capitulos*.

Os leitores lembram-se de ter passado há poucos anos pela nossa terra o Sr. Vigário Geral em visita às paróquias. Os de mais idade lembram-se da vinda do Sr. Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Mata em 1923, e os mais velhos da visita efectuada pelo Sr. D. Manuel Baptista da Cunha em 1903.

Em tempos antigos as visitas dos Prelados eram mais raras efectuadas em pessoa, mas eram frequentes feitas por delegados.

Por vezes havia dignidades eclesiásticas que tinham o direito de visitar certas Igrejas de sua dependência.

No século dezolto a Igreja Matriz de Melgaço recebia duas visitas diferentes, uma em nome do Arcebispo de Braga, outra do Tesourado da Colegiada de Valença.

As visitas constavam das mesmas cerimónias de hoje, mas com certeza não eram assim festejados, por serem muito frequentes.

O *visitador* examinava a Igreja, o sacrário, a pia baptismal, os paramentos etc., em presença do pároco e dos fregueses que vinham assistir.

Muitas vezes lá ver, também as capelas e seus haveres.

O pároco tinha um livro onde o *visitador* lavrava a acta que, depois de abrir pelo relato do comum de todos as visitas, que acaba de referir, passava a *capitular*, quer dizer, a frizar por capitulos as suas impressões e as recomendações ou obrigações que deixava ao povo. Depois o pároco lia, na missa de domingo, a dita acta, e dessa leitura passava certidão no mesmo livro.

Nesse dito livro respiguel as curiosidades que hoje vou transmitir aos leitores, e proximamente teremos ocasião de ver outras sobre capelas e várias coisas da paróquia de Santa Maria da Porta da Vila de Melgaço.

As Igrejas, capelas, e ermidas têm quase todas o seu *cruzeiro* onde vão dar volta as *procissões* em dia de festa, dizia eu no artigo último.

A Igreja Matriz de Melgaço tinha também o seu *cruzeiro*, que ficava no campo da feira de fora.

Melgaço foi desde a primitiva um importante centro comercial, que mereceu a D. Virgínia Rau especial menção na sua dissertação de licenciatura «Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas».

Este campo da feira de fora dá logo a entender que também havia um campo de feira a dentro das muralhas da vila.

Pois era nesse campo da feira de fora que estava o *cruzeiro* paroquial, mas, com estar fora da vila, nem por isso lhe respeitaram o espaço preciso para o fim a que se destinava.

Qualquer vizinho teve o atrevimento de fazer uma casa junto do *cruzeiro* e ficou até o pântano cima dos degraus do *cruzeiro*.

Agora tem a palavra o Tesoureiro-mor da Colegiada de Valença e Arcipreste de Valadães na visita do ano 1779 efectuada a 12 de agosto: «*Também me requereram que no campo da feira de fora desta vila havia um cruceiro desta freguesia, e que se achava posto em lugar menos decente para se poder venerar a Imagem de Cristo Bem Nosso, e de Nossa Senhora que se achava também esculpida no mesmo cruceiro, e estar este arrimado a um pédo de umas casas de sorte que as escadas do mesmo servem de parede no pédo; e me requereram que não estava de sorte que pudessem as procissões dar volta ao redor dele; portanto mando que no termo de dois meses os officiais da Igreja o mandem mudar e por em lugar mais decente de sorte que se possam utilizar dele para as procissões».*

Aquelle foi muito bem dada, e o despacho muito bem acertado, mas lá diz o ditado que os erros são bons de pôr e maus de tirar, e por isso o *cruzeiro* não saía de onde estava.

(Continua)

Bernardo Pintor

Dr. Elysio Pimenta

Do Advogado Dr. Elysio de Oliveira Alves Pimenta recebemos o seguinte cartão que gostosamente registamos no nosso jornal: «cumprimenta V. Ex.cia e agradece todas as atenções recebidas de V. Ex.cia e da «Voz de Melgaço» durante o tempo que exerceu a presidência da Câmara de Melgaço».

Notas e reportagem

(Continuação da 1.ª pág.)

superiores hierárquicos, o Tribunal, desde o seu meritíssimo Juiz, todos os funcionários da Câmara com o seu ilustro Secretário, Delegado Escolar, etc., etc., as Juntas de freguesia do concelho regeedores e muitas indivi-

dualidades em destaque em todas as freguesias.

Pode dizer-se portanto que todo o concelho ali se encontrava num grande acto de presença e de fé nos altos destinos do Município.

Entre os presentes pudemos cumprimentar o nosso ilustre amigo e prezado assinante, Sr. Professor Rocha, de Penso, Pai do novo Presidente da Câmara de Melgaço.

Ao acto falaram os Srs. Dr. Eliseo Alves Pimenta, Presidente cessante, que ajudou as autoridades, os novos Presidente e Vice-Presidente e todo o povo de Melgaço, historiando rapidamente a sua actividade no concelho.

O Sr. Dr. Júlio Outeiro Esteves, muito Digno Presidente da União Nacional no concelho, num felicíssimo discurso saudou o novo Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Autoridades distritais e despediu-se em termos muito afectuosos dos antigos Presidente e Vice-Presidente, bordando algumas considerações de ordem política.

O Sr. Governador Civil do Distrito fala a seguir salientando o pesar com que vê partir o antigo Presidente para quem traz saudações e louvores do Sr. Ministro do Interior envolvendo neste testemunho o sr. Luís Monteiro, immediato colaborador da Presidente cessante.

Por último falou o Sr. Dr. Carlos Rocha, agradecendo, saudando e prometendo.

Saudou e agradeceu a todos os presentes a honra da comparação àquele acto e promete dar ao seu concelho o melhor do seu esforço, da sua vontade e dedicação.

Abre as portas da Câmara a todos os melgacenses que queiram trabalhar, faz um apelo a todas as boas vontades do concelho e promete que vai seguir uma política de trabalho em todas as freguesias rurais, a começar pelas suas necessidades mais urgentes, como águas, escolas, caminhos, isto sem descuidar a sede da nossa vila, que lhe mereceu sempre toda a simpatia.

No fim houve os cumprimentos do estilo. Devido à pequenez do nosso jornal, é-nos impossível dar uma resenha de todas os nomes, do que pedimos desculpa.

Na freguesia DE Rouças

Está marcado para o próximo dia 10 de Abril a inauguração do relógio da torre, que foi adquirido em Lisboa, custando a montagem e respectiva aparelhagem e um novo sino 20.000\$00.

É um grande acontecimento na vizinha freguesia de Rouças, para o qual contribuíram unicamente o povo e alguns grandes amigos — a família do falecido e venerando Arcipreste, com 5.000\$00 e o sr. Rui Duarte da Costa e seu irmão, com 5.500\$00 e se encontram no Brasil a trabalhar, e o Sr. José de Oliveira Salgado com 500\$00 escudos.

Pode enfim a freguesia de Rouças orgulhar-se com este grande melhoramento, por que tanto ansiava. Afim o que vale a união de todos num esforço comum.

Sabemos que vão iniciar-se em breve as obras de construção da nova igreja de Santa Rita, a quem todos os melgacenses dedicam fervoros culto e sabemos desde já que o povo de Rouças é capaz de mais esse empreendimento, que o vai tornar credor da simpatia de toda a nossa terra.

Pode-nos o rev. pároco de Rouças que tornemos público o seu pesar, por não dar a este acto um caracter solene, como era de justiça. Infelizmente as razões que invoca, a todos nos convencem e nos magoam também.

Daqui, destas colunas do nosso jornal, os mais vivos parabens a todo o povo, aos grandes benfeitores da freguesia que lá no Brasil tanto honram a nossa terra, e a Sr.ª D. Estefânia Gomes, de São Gregório, que nunca esquece, nas suas benemerecias, a antiga freguesia, onde residiu como pároco seu venerando irmão, a quem ainda hoje todo o povo dedica fervoroso respeito.

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parochial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
A V E N Ç A

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 15 de Abril de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 23

A Guarda Nacional Páscoa, primavera da alma Republicana

TEMOS de dizer algumas palavras sobre a recente actuação da G. N. R. no nosso concelho e fazemo-lo com pesar.
Com pesar, porque as praças que aqui trabalham nos merecem todo o respeito, como soldados e alguns contrerráneos, por quem temos estima.
Mas sentimos que é conveniente.

«Será realmente precisa no nosso concelho a G.N.R.?
A nossa opinião pessoal é esta: — consideramo-la útil, se se mantiver num plano superior de actuação, o, prudente, sensato, calmo.

Queríamos dizer: — toda a gente de bem louvaria que a G. N. R. fizesse uma boa campanha repressiva contra os furtos e ladrões profissionais e eventuais, contra os estagiários de tabernas e outros locais até altas horas da noite, não deixando dormir os seus proprietários e vizinhos, o policiamento de locais ou zonas em que possa haver perigo de perturbação de ordem, a fiscalização prudente de leis e posturas, a que são obrigados, etc. etc.

Mas se a G.N.R. descesse intensivamente, a estas questões de cães, galinhas, agulhão, ou outras futilidades, em que será fácil descobrir qualquer irregularidade, então perfiaríamos desde já esem delongas, o desejo duma grande parte dos municípios: — prescindiríamos pura e simplesmente dos seus serviços.

Melgaço é uma terra de gente ordeira, sã na sua quase totalidade, e de bons costumes.

Não aparecem por aqui os grandes escândalos sociais de outras terras, graves, sérios, complicados. No geral, a vida dos mel-

(Continua na 3.ª página)

Ainda a lavoura

Temos a registar nesta quinzena um factor, para nós muito agradável: — vários órgãos da imprensa diária e semanal tem se feito eco da crise agrária, que atravessa o país.

É um bom sintoma, que o país nos comece a olhar com solicitude e carinho. Somos uma nação, em que a LAVOURA ocupa um lugar de importância primordial.

Primeiro, o facto de a ASSEMBLEIA NACIONAL nos dedicar algumas sessões de subido interesse, em que se pediu a criação do ministério da Agricultura.

Falemos a verdade: — precisamos dum ministério da Agricultura e dum HOMEM que nos compreenda nessa pasta.

A LAVOURA ainda não encontrou esse HOMEM. A LAVOURA do NORTE bem entendido.

O que pretendemos?

O que nós pretendemos, para já, sem descurar todos os outros problemas, é a valorização dos nossos preços agrícolas.

(Continua na 4.ª página)

A todos os nossos estimados assinantes, colaboradores, leitores e amigos desejamos uma PASCOA FELIZ.

BOAS-FESTAS



Ressurreição do Senhor

Sem ter a estranha pretensão de segredar novidades, convido-te, caro leitor, a descer comigo ás pregas mais fundas do «Eu» onde entraremos em contacto estreito com recordações inolvidáveis e belos estados de alma, rastos de verdadeira alegria, que em nós todos deixa esta quadra de sadismo que é a Páscoa. Não é um simples contraste com o recolhimento a que por-

ventura nos tenhamos dado no tempo quaresmal, o que aliás estaria dentro das leis gerais da psicologia humana.

Mas é antes um grito de fé ecoando nas almas de todos os que acreditam na ressurreição de Cristo como penhor da felicidade verdadeira.

De repente, na manhã da Páscoa, Cristo aparece na sua glória resplandecente, saindo do túmulo onde havia descido, ceifado pela morte mais ignominiosa.

Ao ressuscitar, a todos deslumbra, com um feixe de luz irradiante, robustecendo a fé trémula de uns e a esperança frágil de outros.

Deu-nos Deus a liberdade de aceitar ou repelir o resgate que Cristo nos obteve à custa duma

tragédia imensa de sangue que comoveu a própria natureza fazendo-lhe soltar um gemido de angústia cujo eco se foi confundir com o remorso que abalava o espírito dos deicidas. Somos livres! Um amor escravo não conta; é mais suspeito que o ódio ou a indiferença.

Nós aceitamos de bom grado tão generoso resgate. Cremos na rendição, Também cremos nesse facho inextinguível de luz que os evangelhos e a história, mais uma vez de acordo, sustentam com firmeza á vista dos que amam a verdade.

A nossa terra e a nossa gente vão na vanguarda desta manifestação inofensível numa fé esclarecida na realeza de Cristo. Por toda a parte vai uma alegria exuberante contagiando almas e corações, irrompendo até em apoteose num ambiente de paz e tranquilidade. E' que a Páscoa é a primavera da alma. No nosso espírito circula, então, a força vivificadora, tão real como o despertar da seiva que irriga os troncos das árvores carcumidos por um inverno tormentoso. Mas a primavera da natureza morre como tudo o que é efémero! A da alma tem de ser peregrina para que a felicidade não fuja por um só momento que seja, deixando-nos nas trevas a tatear, sem rumo, e à procura de futilidades que de nada nos podem servir. Se fosse possível, arrancar do calendário a festa da Páscoa, jamais brilhará nas pupilas incendiadas do povo crente e simples aquela luz e aquela alegria que são o símbolo da verdadeira felicidade.

Quanto simbolismo, quanta alegria, quanto bem estar seria roubado à alma do povo. Que lacuna profunda, que vácuo insubstituível se cavaria nos hábitos desta gente.

A Páscoa possui ainda o estranho condão de pulverizar o desequilíbrio social e de nivelar classes

(Continua na 3.ª página)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

ROUÇAS, 9 CASTRO DE SEMPRE

Proseguem activamente os trabalhos preparatórios para a inauguração do novo relógio da torre, que terá lugar amanhã, se Deus quiser.

Desde quarta feira que se encontra entre nós o proprietário da fábrica de relógios de Almada, Lisboa, Sr. Manuel Cousinha, e que ainda recentemente construiu para a igreja de Nossa Senhora da Conceição, do Porto, o monumental relógio de carrilhão.

Como no passado número do nosso jornal se disse, este relógio é adquirido por subscrição pública e por uma oferta de cinco contos e meio de Duarte Ruy da Costa e seu irmão, ambos filhos do saudoso José Silvano da Costa e de Maria Rodrigues desta freguesia de Rouças, que trabalham no Rio de Janeiro e grandes amigos desta freguesia. Também como no passado número do jornal se afirmou, a Senhora D. Estefânia Gomes deu para a nossa igreja cinco mil escudos e o Sr. Salgado, Surribas, 500\$00.

Este melhoramento traz incontestáveis vantagens para a nossa freguesia e, por isso, é grande o contentamento entre todos.

Também, desde há quinze dias, que se encontra em exposição, nas montanhas do Sr. José Maria Pereira e Hilário José Alves, da Vila, as plantas da nova igreja de Santa Rita, obra do Sr. Eng. Mário Leitão e que agradaram plenamente a todos os paroquianos de Rouças e melgacenses. Consta-nos que agora vai ser presente a Sua Ex.ª Rev.ª para aprovação e imediatamente se começa a dar-lhe execução.

Entre os grandes beneméritos de Santa Rita, destacam-se os nossos prebendados amigos Sr. Manuel Loureiro, de Surribas, e sua esposa, D. Joia Loureiro, que no Pará, Brasil, são os Padrinhos desta obra que orça por uns 200 contos.

Também os mesmos benfeitores se não esqueceram da sua igreja, da freguesia, a quem contemplaram com a oferta recentemente de 500\$00.

Também nos consta que o nosso rev. pároco

vai mandar para o Rio de Janeiro e demais partes, onde se encontram os Amigos de Santa Rita várias plantas da mesma igreja e temos a plena convicção de que em breve vai ser uma realidade.

Chegaram a esta freguesia os seminaristas que vem repousar um pouco dos seus estudos.

Consta que no sábado da Aleluia vai ser queimado o Judas e lido o seu testamento.

No dia 19 de Março, foi baptizado com o nome de José, um filhinho do nosso estimado assicante e guarda-florestal, Sr. Manuel Luís Domingues, de Cavaleiros.

Também chegou a este lugar, vindo do Colégio de São Geraldo, Braga o nosso estimado confrater, José Lourenço, irmão do Rev. pároco de Fiães.

Como tínhamos dito, uniram-se em matrimónio a prendada filha do nosso bom Amigo, Sr. Manuel Vaz, de Loviô, e sobrinha do Rev. Prior de Paderne, Rosa de Jesus Vaz e o bemquistado Proprietário José Joaquim Pereira, de Cubalhão. Desejamos-lhe uma perene lua de mel.

Faleceram nesta freguesia o simpático Pepinho da Quinta dos Frades e as Sras. Julia Augusta Domingues e Joaquina Breia, ambas do lugar dos Oleiros e aquela mãe do nosso bom amigo José Breia. Paz as suas almas.

Proseguem as lavradas.

Tudo se prepara para que a Páscoa seja celebrada condignamente.

S. Paio, 8

No passado dia 3, cerca das nove horas, faleceu a sr.ª Rosa Domingues, conhecida por «Sistela», do lugar do Rigueiro. A infeliz exprirou devido a graves queimaduras que tinha recebido na véspera à noite, quando procedia ao arranjo da ceia.

Realizaram o seu casamento o sr. António Manuel Gomes, de 24 anos, natural da Granja, desta freguesia, e residente na

lra Castro já não implica aquela jornada violenta, que há ainda bem poucos anos era mister levar a cabo, por outeiros e vales, encostas e calçadas, transpondo os côrregos sinuosos e os tranquilos regatos que sulcam a tosca vereda da montanha.

Palmilhando a serra podiam-se admirar os pacíficos rebanhos que aqui e além tapetavam o monte dando à tela uma tonalidade bucólica de um quase misticismo bíblico. Às vezes ouvia-se o ulvar lúgubre dos lobos nas quebradas dos montes, por noites frias de Dezembro ou em manhãs geladas de Janeiro.

Habituaados, agora, a subir a estrada que pelo outro flanco dribla a serra, andamos um pouco alheios a esses pequenos encantos.

Mas a facilidade, a rapidez e o comodismo com que nos podemos deslocar, fazem esquecer tudo o mais sem deixar saudades de maior.

De futuro todos poderão subir até Castro com relativa facilidade e uma vez aí respirar a plenos pulmões esse ar puro da montanha que tem a estranha magia de tonificar os organismos e dispor agradavelmente todo o psiquismo humano. Vem aí o Verão e é de esperar que as excursões se repitam em ritmo crescente de ano para ano.

E' verdade que aqui não temos jardins geométricamente traçados, nem praças onde vegetem árvo-

res frondosas e delicadas; não temos o luxo de um lago romântico onde os cisnes Zig-Zagueam brincando o hino poético da noite; também não temos hotéis de luxo para os mais exigentes se hospedarem com a habitual comodidade.

Mas digam-me com franqueza, será precisa alguma destas extravagâncias para passar um dia de Verão? Não bastará o contacto íntimo com a natureza no seu estado normal, ou mesmo selvagem, se bem aprouver assim chamar-lhe?

Um lugar tranquilo, sob os ramos de uns rústicos vidoeiros, à margem dum pequeno rio de água pura e cristalina; ouvindo o murmurar ininteligível que as gotas, em sua eterna viagem, vão segredando umas ás outras, — eis o cenário que servirá de fundo para bem passar um dia. Diga-se o que se disser, aduza se ou não o aspecto severo do panorama, e com algum fofo de verdade, até o carácter rústico da gente; creio não ser possível ver tudo isto que nos cerca por um prisma de pessimismo derrotista. Pedidas contas ao apetitoso farnel, enquanto o sol se afasta do Zénit, e a tarde se aproxima é obrigatório escalar o castelo, donde se descobre toda a região até à fimbria da serra fronteiriça, vendo-se ainda ao fundo desse quadro, simultaneamente místico e sublime, de contraste flagrante de sombra e luz, espreitas as primeiras aldeias galegas.

Todos os que lá vão pela vez primeira, são incapazes de conter uma expressão de espasmo. Até os que lá vão frequentemente, posso afirmá-lo, na volta trazemos sempre na alma alguma coisa nova.

Deixemos, porém, esse castelo encantado. Vamos agora à Igreja que lá em baixo, no centro do povoado, nos convida ao mumúrio suave de uma prece. Não se trata de um monumento romântico, ou dum artística jóia gótica, mas simples como a alma do povo que lá vai rezar, simboliza a fé de muitas gerações, cristalizada em

cada uma das pedras de que é feita.

Se ajoelharmos um momento, compreenderemos ainda melhor, que o Deus que aqui habita é o mesmo que mora nas grandes catedrais, na artística Batalha, no monumental Jerónimos e até na própria Basílica de S. Pedro.

Mas já o crepúsculo se desenha, e as trevas começam a invadir o azul do céu, ofuscando ao longe a silhueta das montanhas. É hora de partir!

No regresso é de crer que a alma vá a transbordar de belas recordações, que um dia assim passado em contacto tão íntimo com a natureza, forçosamente produz nos temperamentos mesmo nos amorfos e menos emotivos.

Quando tivermos uma carreira diária, que Castro tão justamente vem reclamando, tudo isto se tornará ainda mais fácil.

Como veem, a vantagem não é só dos castrejos é de todos. Secundamos com todo o entusiasmo o grande projecto do alongamento da linha férrea até Melgaço. Concordamos que é essa a mola real do progresso da nossa terra, como a estrada o foi para Castro. Se o prolongamento da linha férrea até Melgaço é um problema da maior transcendência e amplitude que a carreira para Castro, não quer dizer que a uma e outra aspiração não seja dada solução rápida e satisfatória. A ver vamos.

Albertino

Pela vila

Quando o presente número chegar às mãos dos prezados leitores certamente já os nossos zelosos párocos andarão de porta em porta a lembrarmos que Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou de entre os mortos e está ainda conosco.

Louvemos, pois, prezados leitores, louvemos o Senhor nosso Deus e cantemos a Sua glória porque Ele é bom e a sua verdade é misericórdia são e eternas.

Panasqueira, freguesia de Cebola, concelho da Covilhã, e a menina Maria Rosa Fernandes, de 19 anos, do lugar da Eira, da vizinha freguesia de Rouças.

Causou grande satisfação nesta freguesia a notícia da posse dos novos Presidente e Vice-Presidente da Câmara. Oxalá que saibam medir as necessidades urgentes desta paróquia que é a única do concelho que precisa de grandes melhoramentos: casa da escola, fontanários nos lugares e concerto de caminhos.—C.

A Guarda Nacional Republicana Páscoa, primavera da alma

(Continuação da 1.ª pág.)

gacenses é normal, não tem solavancos.

E dizemos isto para que não apareça por aí alguém estranho que vá gabar-se lá para a sua terra: — em Melgaço fiz isto ou aquilo, meti-os na ordem, etc., etc. — Não! Melgaço é no geral, uma terra de bons costumes.

Falando em geral de pessoas com funções de mando, e saindo do caso da G. N. R. dizemo lodes de já com franqueza, causa-nos sério aborrecimento o uso frequente de sanções ou penalidades.

A função de chefe é mais prevenir que remediar. Tanto quanto possível, levar as coisas por convicção.

Não costumavam as Câmaras antigas ser exigentes com certas futilidade.

SOBRE A LICENÇA DE CÃES

Não nos queremos referir a cães de caça ou de luxo. Mas os cães de guarda (e quem nos dera que a raça antiga de Castro se mantivesse, tão linda e esbelta e precisa era...) os cães de guard. fazem-nos falta, nas nossas aldeias sobretudo.

A guarda de rês, de gados nos montes, agora por vezes vigiados e domados por sua alteza a lobo, tem de ser feita com armas e cães finos e listros.

As nossas casas, com os seus canastos tem de ser guardados, de noite sobretudo, por cães. Nós na aldeia, não temos polícia, nem a guarda nos vai ajudar na nossa defesa pelos montes.

O cão de guarda é uma necessidade. Temos de usá-lo.

Sabemos que é preciso manifestar os cães. Mas também não vamos atrás de tudo. Teremos nós de pagar para tudo?

As Câmaras passadas não foram exigentes com estas futilidades.

E sobre o agulhão. Aca-so o que trata os bois, os que quer vender pelo mais alto preço, terá menos amor ao seu gado que um soldado da G. N. R.?

Não é nossa vontade criar dificuldades a quem dirige o Município. Não.

Sabemos até como este problema já tem interessado, há algum tempo, o Sr. Dr. Carlos Rocha, antes mesmo de chegar a ter nas suas mãos, os destinos do nosso concelho.

Todos temos de ser humanos.

Porque não havemos de dar-nos todos bem?

Continuação da 1.ª página

criando, entre ricos e pobres, velhos e novos, poderosos e humildes, a mais estreita fraternidade, pois Cristo a todos visita na sua viagem triunfal. Vai aos palacetes de soberbo porte e às vivendas edénicas, mas também entra nos tugúrios e nas mauseardas.

O aparato externo nada importa. Entre os pobres e os humildes Cristo exerce mais cabalmente o seu múnus messiânico, porque leva aos desprezados do mundo um pouco de resignação e de conforto para que a vida lhes não seja um escuro pesadelo, e para lhes suavizar a existência.

Se Cristo trouxe ao mundo sequioso de verdade e de amor o bem estar único e possível, foi sobretudo a exaltar os humildes, a consolar os tristes, a aliviar os doentes, a libertar os escravos e até a ressuscitar mortos que decorreu a parte mais importante da sua vida pública.

É pois com estes a quem o mundo tão ostensiva-

mente despreza que Ele gosta de conviver mais intimamente. Por isso a todos visita na sua viagem de peregrino do Bem.

Quadtos lábios depositam um ósculo simbólico nos pés chagados de Cristo. Uns beijam-no com fé e com amor. Outros com mal simulada indiferença, e talvez haja, eu sei lá, quem o beije em tom de mofa.

Mas estes deviam se lembrar que o beijo de Judas é o crime mais hediondo da história. Não o queiram eles repetir. Não pretendam loucamente dar à cerimónia da Páscoa um ar de farsa ignóbil. Não ficaria impune semelhante atrevimento.

Perdão! entre nós não há ímpios. Aqui todos creem todos esperam. A apoteose que a gente da nossa terra tributa a Cristo Ressuscitado, vem da inteligência e do coração onde a fé e o amor, se enraizam profundamente, a ponto de dirigirem toda a actividade do homem.

Os povos alheios aos nossos costumes pascaes, invejam as nossas tradições, e na alma podemos

notar-lhe um vazio tão profundo como a melancolia que trazem estampada na fronte. Esta não é só fruto dum temperamento problemático e de uma índole fleugmática, mas sobretudo da falta de verdadeira alegria espiritual que a festa da Páscoa com as suas belas tradições produz em nós.

Já que no nosso meio vigora tão bela tradição, não a deixemos apagar nas almas. Não consentamos que o tempo rolando em lacónica indiferença, a sonegue nas reges cinzentas do olivário.

Se tal se desse, seríamos responsáveis perante os vindouros de não ter sabido outorgar-lhes as belas tradições que recebemos dos maiores, que com tanto carinho e dedicação nos inocularam na alma.

Que nódoa escura seria essa, a salpicar o rasto da existência.

Jamais caia sobre nós, como ferrete de culpa o peso de tão grande responsabilidade.

Albertino

Transportes

Disse um dia um pensador que «o mundo marcha». Crêmos firmemente que jamais pessoa alguma ousou por em dúvida a afirmação dogmática que acabamos de citar. Paralelamente à marcha dum pensamento, outro se levanta; atrás dum sonho, outro sonho se concebe; com todo o seu desenvolvimento e áncia absoluta de atingir a perfeição. Por isso mesmo, o homem, há de continuar a dar o seu precioso tributo às ciências, às artes e às letras, jamais atingindo a suma perfeição. Em linguagem mais filosófica, podemos citar que atrás dum pensamento, outro se levanta; atrás dum sonho, outro sonho se concebe; para além duma ilusão, outra ilusão se idealisa. No campo propriamente dito dos transportes ter-esse eterno insatisfeito, restres», o mesmo se tem

dado, como principio inmutável; desde os tempos das liteiras e mala-postas até vimos encontrar em 1700 uma primeira fase dos caminhos de ferro — nas minas inglesas de carvão; em 1769, o carro a vapor de Cugnot; em 1800, o americano Evains e o inglez Blackett seguem as pisadas dos seus antecessores, até despontar a época de Stephenson — construtor da célebre máquina foguete, de caldeira tubular de Seguin, capaz de rebocar um comboio de 13.000 quilos, à velocidade de seis léguas horárias! Em 1830, circula o primeiro comboio, no primeiro caminho de ferro inglez de Liverpool a Manchester. Na França, surge em 1837, a experiência concludente da via férrea de Paris a Saint Germain.

Mas... como é sempre curioso desfolhar um pouco das páginas da história — já em que ramo for — é ver como esta, no seu principio de projecção à

CONTINUA

Amadora, 15-III-1949.
Abel Varela e Seixas

Assine «A Voz de Melgaço»

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercenarias, Vinhos finos e Espumoso

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas — A máxima seriedade nas suas transações.

VEJA O NOSSO SORTIDO!

Visite o estabelecimento

DE: —
Irmãos Gonçalves Ltd,

EM FERREIROS MELGAÇO

Completo sortido de:

FAZENDAS, para Senhora e Homem
PANOS, riscados, cotins, chitas, etc.
GRAVATARIA
MEIAS, PEUGAS
FERRAGENS, e materiais para
construção
SAPATARIA, solas e cabedais
MERCEARIA
FUNERARIA, nas melhores
condições

OS MELHORES PREÇOS

AS MELHORES CONDIÇÕES DE VENDA

VISITE-NOS E FICARÁ CLIENTE E AMIGO

Ainda a LAVOURA

(Continuação da 1.ª pág.)

Nós apoiamos sinceramente, o grande trabalho que está a realizar-se em pró da industria nacional; nós aplaudimos jubilosamente o franco desejo e a realidade palpável de se levar ao mundo do trabalho e do comércio a melhoria de vida, a que há direito, num século, que baptizamos de «social».

Mas a salários dignos na industria; a vencimentos proporcionais às realidades na vida de hoje no comércio, nós opomos também as nossas vivas realidades:—o preço justo e proporcional dos produtos agrícolas.

É preciso encarar de frente e sem medo o problema dos gados. Este é um dos pontos-base para todos os lavradores, proprietários e caseiros.

É preciso encarar de frente o problema dos vinhos. Ainda vamos à mercê da sorte, das contingências do ano, do clima etc, etc.

É preciso que o preço do milho compense o seu trabalho.

Como é que querem que vamos comprar ao comércio e à industria, se os nossos preços agrícolas não compensam?

Quando nos convencemos todos de que lavou-ra pobre, no nosso país, é nação pobre e em crise?

Ainda há dias, lemos que uma revista espanhola «Campinas» apoiava este nosso modo de ver:—o custo da produção é, em muitos casos, superior ao custo de venda.

Nã o tenhamos medo dos problemas da terra! Vamos de frente para eles.

E vamos portanto, amanhã poderá ser tarde!

Um Congresso

Na cidade de Coimbra e nos fins deste mês, vai realizar-se o primeiro congresso da Liga Agrária Católica de Portugal.

Lemos o elenco das teses que se vão discutir e em que tomam parte algumas individualidades do meio agrícola português, que são os engenheiros agrónomos, quer dos lavradores. Faremos referência no próximo número.



XL—Vila de Melgaço

O SEU CRUZEIRO PAROQUIAL

(Continuação)

Não surtiu efeito o *captulo* da visita de 1779, em que o *visitador* mandava mudar o *cruzeiro* da Igreja Matriz, por se ter edificado uma casa tanto à beira que até o *pátio* ficou o bre os degraus do mesmo.

Passados três anos voltou o Tesoureiro mór da Colegiada de Valença e Arcepreste de Valadares a visitar a Igreja de S.ta Maria da Porta da Vila de Melgaço. Foi no dia primeiro do mes de Julho do ano 1782. Os *oficiais* da Igreja não tinham mudado o *cruzeiro*, não sei por que motivo.

É natural que apresentassem suas razões, pois o *visitador* insiste na mudança do *cruzeiro* mas em termos diltentes.

De passagem devo explicar a alguns dos leitores que não estejam enfarinhados nestas coisas o que eram os *Oficiais* da Igreja.

Estes *Oficiais* foram conhecidos por vários nomes nas diversas paróquias. Em muitos casos apparecem com o nome de *eleitos* ou com a denominação de confraria que tinha várias denominações.

É o que mais tarde deu a Junta de Paróquia, encarregada tanto nos Interesses civis como religiosos.

Mais tarde vieram as Juntas de Freguesia que também tiveram interferência na administração dos bens eclesiásticos, os quais hoje são administrados pelas Corporações Fabricheiras e a que o povo chama Juntas do Culto.

Como lá dizendo, o *visitador* reparou que os *Oficiais* da Igreja não tinham mudado o *cruzeiro*, contra cuja situação lhe tinham reclamado na visita anterior.

Desta vez *captulou* o seguinte:

«O *Cruzeiro* do Campo da feira se acha ainda por mudar, estando com indecência com as escadas melidas debaixo de um *pátio*, portanto mandado que o dono do *pátio* no termo de seis dias me mostre a licença que teve de Sua Alteza Real para formar o *pátio* sobre as escadas do mesmo *cruzeiro* privando o uso dos *fiéis* ao redor dele, sendo este dos *fregueses* e mais antigo que as mesmas casas; e não tendo a dita licença o mundo dentro de um mês ficando desviado suficientemente, o que o *Reverendo Pároco* fará executando conta à Casa do Despacho, pena de se lhe dar em culpa em visita».

Parece que a lógica era boa. Ainda vá lá que se não mandava alargar o *pátio* e mal a casa.

Assim estava certo. Quem acanhou o *cruzeiro* foi a casa do vizinho com seu *pátio*, portanto o dono da casa, como responsável, é que devia mudar o *cruzeiro* para local desafogado. Nem uma sentença de Salomão.

Julgamos *fieltores* que o *cruzeiro* foi mudado? É o mudas.

Parece que já tinha ratzes no sitio. Passados mais quatro anos ainda lá estava e por isso na visita de 1786 feita a 17 de Julho, encontramos o seguinte *captulo*: «O *juiz* da Igreja e mais *Oficiais* mandarão fazer um *cruzeiro* de pedra com a imagem de Cristo Bem Nosso, que collocarão no campo da feira para a eleirem as *precissões* visto o que é desta *freguesia* se achar no sitio do campo da feira de fóra, estar junto de um *pátio* e não poderem as *precissões* dar volta a ele com a *decência* devida e como esta *omissão* tem procedido do mesmo *Reverendo Abade* e dos *Oficiais* da Igreja, mandarão fazer o novo *visito* não concorrerem para a muda daquele punindo pelo que é da *freguesia*, estando recomendado por tantos *capitulos*, o que farão no termo de seis meses, e não o fazendo o *Reverendo Pároco* dará conta à casa do Despacho, pena de suspensão e de se lhe dar em culpa em visita».

Agora já as coisas ficaram mais complicadas, mas não pude saber o resultado porque não apparecem mais referências.

Onde era esse «campo da feira de fóra» em que se encontrava o *cruzeiro* paroquial? Porque motivo ele se encontrava desterrado para fóra da vila, em S. Julião?

A primeira pergunta pouco posso responder por serem reduzidos os elementos de estudo que possuo sobre a topografia da vila de Melgaço no passado e no presente. Direi mais tarde.

A segunda nada sei dizer, apenas peço licença para sugerir a ideia de que o *cruzeiro* seja transferido para dentro da vila, para local que fique relativamente próximo da Igreja Paroquial. Em minha opinião, deve procurar-se um local adequado em que o *cruzeiro* dê ao conjunto uma perspectiva de grandeza.

Bernardo Pintor

Loduvina
Martins
Dentista

Consultas em Monção,
todas as Sextas e Sábados.

Assine a «A Voz
de Melgaço»

Momento Internacional

Pacto do Atlântico

Foi assinado em Washington no dia 4, do corrente, o Pacto do Atlântico e, entre as nações que o assinaram, figura, juntamente, a nação portuguesa.

A muitos será indiferente este acontecimento. Não o é, porém, para o mundo que deseja a paz. É que a verdade dos acontecimentos é esta: a Rússia tenta, por todos os meios dominar o mundo, começando pela Europa. Com o tratado com Hitler, levou metade da Polónia e as nações bálticas; com os tratados com os aliados (Inglaterra, Estados Unidos e França) veio até Berlim e tomou conta de uma grande parte da Alemanha e, politicamente, domina as nações balcánicas. A Hungria, a Roménia, a Bulgária e a Checoslováquia são nações escravas de Moscovo. É ainda queriam mais. Não aceitaram as condições de paz dos aliados, para a Alemanha e para a Austria. E desligaram-se em assuntos políticos, das nações ocidentais. Pesava, portanto, sobre nós a ameaça constante da Rússia comunista. Os comunistas portugueses sabem-no muito bem e o Sr. General Norton de Matos talvez hoje não pense como pensava em Janeiro e Fevereiro acerca dos comunistas e, até, não diria ao jornalista brasileiro, como o disse, que era contrário ao Pacto do Atlântico. É que, presentemente, só são contrárias a este Pacto as nações comunistas.

Ora dizíamos que, sobre nós, pesava a ameaça constante do perigo soviético, de uma investida de Moscovo. A Europa Occidental, só por si, não podia resistir a uma agressão armada, vinda da Rússia. Começou, então, a união das nações ocidentais, à qual os Estados Unidos prometeram o seu auxilio militar. Mas isto era um convénio; queria-se uma união mais sólida, um documento claro. Foi, então, que Washington, capital dos Estados Unidos, concebeu o Pacto do Atlântico, que é um Pacto defensivo contra todos os agressores.

Se uma nação atacar qualquer uma das outras, todas as nações ligam os seus esforços para resistir à agressão e repeller o inimigo.

A Rússia não gostou da realização do Pacto e man-

dou protestos officiajs que tiveram resposta enérgica por parte dos vários governos. Não conseguiu nada. Levou quatro 'bofetadas' diplomáticas bem dadas.

Como Portugal é nação essencialmente atlântica, foi convidado a assinar o Pacto. Não recusamos o convite; mas, antes de se ter dado a resposta, o governo português teve conversas diplomáticas com o governo Espanhol, por causa do Pacto de Não—Agressão e Mútua Amizade entre as duas nações. Desta maneira, o governo português mostrou a lógica e a verdade da sua política, mostrou independência e prestígio, perante as nações, a própria Espanha.

Como esta política é bém diferente, felizmente, daquela em, que um caricaturista celebre «pintou», os nossos políticos a serem Zurzidos pelos ingleses, abdicando deante dos adversários....

A Espanha não foi convidada.

Na Itália houve pancada entre os deputados, porque os deputados comunistas e seus simpatizantes queriam obedecer a Moscovo, contrariando o Pacto.

Nada conseguiram, porque os comunistas foram baltidos no Parlamento e a Itália assinou o Pacto do Atlântico.

Só os comunistas e seus sequazes é que não gostaram da assinatura deste documento que há de ser histórico. Não admira que assim procedessem, porque o Pacto do Atlântico garante a independência das nações e os comunistas, em toda a parte, até em Portugal, não querem a independência da Pátria, querem o servilismo a Moscovo.

Pois desta vez perderam a cartada e estão de péssimas....

A resignação, nestes casos, ainda é um grande remédio...

Júlio Vaz

Anunciai,
Assinai
e propagai
«A Voz de
Melgaço»